

Programa Quebrando Tabus: A Transexualidade em Voga

Flávio Henrique Santos FERREIRA¹

John Wesley Santos SOARES²

Luís Matheus Brito MENESES³

Íris Brito Lopes de OLIVEIRA⁴

Vitor José Braga Mota GOMES⁵

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O Programa Quebrando Tabus se dispõe a discutir, semanalmente, temas relevantes da atualidade com o respeito às liberdades individuais e de expressão e informação guiando nosso trabalho jornalístico. A decisão de criar um programa que permite pautar assuntos de forma seriada possibilita uma cobertura mais completa possível, dando espaço para uma diversidade de opiniões, fontes, temas e direcionamentos. O Quebrando Tabus nasceu dentro da disciplina laboratorial de Radiojornalismo II, a pedido do professor Sebastião Figueiredo. Para se enquadrar nos moldes do Expocom, a orientação passou a ser do Professor Dr. Vitor Braga, que aprovou o roteiro final da edição exposta.

PALAVRAS-CHAVE: transexuais; lgbt; violência; direitos; inclusão social.

1 INTRODUÇÃO

Empatia é uma das peculiaridades do rádio que o fizeram se tornar um meio de comunicação social com alta penetrabilidade e se consolidar, principalmente, em regiões longe dos centros urbanos no Brasil. Devido a essa característica, o rádio tem um imenso poder de sugestão e consegue aproximar o público com sua linguagem coloquial. “Uma das características do rádio é a proximidade com o ouvinte, a conversa direta com o cidadão (...) O público se identifica com a emissora da cidade e com o radialista de plantão” (JUNG, 2004, p. 39).

A primeira transmissão de rádio ocorreu em comemoração ao centenário da Proclamação da República, em 1922, e o rádio progride em meio ao atual ambiente de convergência cultural e tecnológica (JENKINS, 2008), apesar de o senso comum propagar seu fim. Para Jung (2004), o rádio é o veículo que mais se beneficiou da Internet porque ampliou seu alcance e sua qualidade. Por outro lado, “a tecnologia DAB – Digital Audio Broadcasting, a emissão digital terrestre de rádio, uma iniciativa cara que desde 1995 entreteve muitas rádios públicas, de países europeus, pagas pelos contribuintes” (FIDALGO, 2013, p. 14). Em “*O celular como rádio de pilhas na era da Internet. Rádio*

¹ Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: flaviously@gmail.com

² Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: johnsoaresjornalismo@gmail.com

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: luismatheusbrito@gmail.com

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: irisbritolopes@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: vitorbragamg@gmail.com.

IP no celular”, Fidalgo (2013) discute as novas nuances e caminhos trilhados por esse meio de comunicação num ambiente marcado pela inserção da Internet nos dispositivos móveis.

O “podcast”, programas disponibilizados para ouvir online, é uma dessas mudanças que permeia e intriga as concepções da linguagem e da periodicidade radiojornalística. Enquanto a sincronia entre emissão e recepção é um fator crucial para o rádio, os podcasts são assíncronos, ou seja, recepção e emissão não ocorrem ao mesmo tempo. É a memória da Internet que derruba “o princípio antigo de *verba volant, scripta manent*, de que as palavras voam e os escritos ficam, e que distinguia a comunicação síncrona da comunicação assíncrona, deixa de vigorar para a rádio” (FIDALGO, 2013, p.21). Por entender essas mudanças conceituais do rádio, o presente trabalho também vai ser disponibilizado em serviços de streaming.

2 OBJETIVO

O presente trabalho foi produzido para a disciplina "Laboratório em Radiojornalismo II", ministrada pelo prof. Sebastião Figueiredo, como atividade referente à primeira unidade. O grupo decidiu trabalhar com um tema relacionado à transexualidade por considerá-lo de interesse público devido à invisibilidade e à distorção com que as minorias políticas, especialmente, as pessoas transgêneros e transexuais são tratadas nos veículos tradicionais ante a uma lógica social, cultural e científica perversa que põem pessoas à margem da vida cotidiana. Conforme Jung, “A velocidade do trabalho dentro de uma redação gera distorções. Leva o jornalista a esquecer que se o objetivo é transmitir notícias, este só existe porque na outra ponta tem o cidadão para atendido, o ouvinte” (JUNG, 2004, p. 12).

Como a empatia é um dos valores primordiais para o rádio, este trabalho se prestou a sensibilizar seu ouvinte, envolvendo-o e elucidando questões basilares de mulheres e homens transexuais numa linguagem didática e acessível, pois, segundo Jung (2004), o desafio do rádio é ser acessível a todos os públicos. “Ao mesmo tempo, falamos com o motorista de táxi e com o empresário transportado por ele” (JUNG, 2004, p. 61).

3 JUSTIFICATIVA

A edição exposta pauta a transexualidade num cenário onde o tema esbarra na ignorância e no preconceito que abrem precedentes para violências de diversas formas. O caso Verônica Bolina, ocorrido em São Paulo em abril deste ano, serviu como gancho para que abrissemos a discussão em âmbito local e a proposta do Programa pretendeu com ele, atuar como uma espécie de introdução sobre transexualidade e identidade de gênero, mantendo a possibilidade de sequenciar essa discussão em outras edições.

No caso Bolina, chegou-se ao cúmulo da tortura física que desumaniza e acomete, geralmente, grupos historicamente desfavorecidos e minorias. Entre as formas de violência essa é a que mais choca, porém não é a que mais acontece. Homens e mulheres trans lidam diariamente com práticas que ferem suas identidades de gênero e suas liberdades individuais, o processo de invisibilização também é outra constante e foi esse o motivo de termos focado, dentro da comunidade LGBT, nas pessoas transgênero, que são comumente taxadas como gays ou lésbicas sem que se considere sua identidade de gênero.

A expectativa de vida de uma travesti é de 35 anos, enquanto a média dos demais brasileiros chega a 75 anos. As principais causas de morte das travestis estão relacionadas à prostituição, crimes transfóbicos, doenças, tratamentos estéticos (de alto risco) e suicídio. Segundo a articulação nacional de transgêneros (Antra), 90% das travestis trabalham em profissões relacionadas ao sexo. Esses são só alguns dados que confirmam a vulnerabilidade social de travestis e transexuais na atual conjuntura da sociedade.

As forças do poder público também negligenciam as pessoas transexuais. A inexistência de leis que regulamentam os direitos dessas pessoas evidencia isso e dispara o alerta de urgência para a resolução desse problema. Existe em tramitação no Congresso um projeto de lei de autoria dos deputados federais Jean Wyllys (PSOL) e Érika Kokay (PT-DF) que prevê a modificação do nome, o reconhecimento e livre desenvolvimento de uma pessoa, conforme sua identidade de gênero, porém o processo é bastante lento e enquanto não se tem um resultado definitivo, o que resta são as portarias normativas que funcionam de forma paliativa quando alguma pessoas reclama sua identidade de gênero em algum local.

Para alargar a discussão em torno da temática o programa discute também o ativismo que legitima a causa e reivindica os direitos da classe e pontua também os ganhos que essa luta propiciou para a inclusão social do grupo. Com o auxílio de fontes qualificadas, essa edição discute o tema nessas três vertentes e deixa aberto o espaço para possíveis desdobramentos.

O Quebrando Tabus que pauta as situações dos transgêneros marca presença na luta pelo reconhecimento desse grupo e em todos os casos, como princípio editorial máximo, marca presença na luta pelos direitos humanos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O presente produto surgiu como resultado de uma coleta de dados e informações sobre a transexualidade e sobre o movimento transfeminista em Sergipe. Com base em notícias e acontecimentos recentes, a equipe buscou apurar as informações por duas vias: pesquisa de dados, leis e regulamentações que dizem respeito aos transexuais e entrevistas com transfeministas em Sergipe, anteriores à gravação do programa.

A partir das informações apuradas construiu-se o roteiro do programa, com as falas das locuções, indicações da trilha sonora e espaço para as reportagens. A gravação seguiu em duas etapas: a reportagem e a locução. Num primeiro momento o repórter gravou uma entrevista externa; na segunda parte os locutores gravaram suas falas e receberam uma entrevistada em estúdio.

Com todas as gravações prontas, partiu-se para a edição, na qual os áudios das gravações foram editados e somados e a trilha sonora foi adicionada ao programa.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O Programa radiojornalístico “Quebrando Tabus” busca, semanalmente, tratar de assuntos pouco abordados na mídia e de grande relevância social. Em sua edição “A transexualidade em voga” busca apresentar uma visão introdutória e ao mesmo tempo panorâmica sobre a transexualidade, sendo dividido em três blocos subtemáticos, que abordam violência, ativismo e inclusão social aos transgêneros, respectivamente.

No primeiro bloco procura contextualizar ao ouvinte o caso de Verônica Bolina para, a partir disso, falar sobre o reconhecimento da identidade das pessoas trans na sociedade e suas consequências, com entrevista com uma militante transfeminista. Busca-se a apresentar dados para fundamentar a discussão.

No bloco seguinte, ao tratar de ativismo trans, o programa fala sobre os movimentos trans e suas pautas, sempre contextualizando com a realidade sergipana, onde está concentrada a maior parte de seu público. O caráter opinativo fica por conta do artigo de uma militante transfeminista de Sergipe sobre o caso Verônica Bolina, que teve repercussão nacional, lido por um repórter.

A inclusão social foi o último ponto discutido no programa, com ênfase no reconhecimento do nome social em instituições. Os locutores receberam no estúdio uma estudante da UFS que falou sobre sua luta dentro da universidade. Abordou também os direitos das pessoas trans e até que ponto elas são protegidas por leis.

A duração do programa é fixada em 10 minutos sem intervalos e dentro deste tempo há espaço para entrevistas externas, sonoras gravadas no estúdio, leituras de artigos de opinião que sejam pertinentes ao tema retratado na edição, participação de fontes qualificadas a falar do tema e uma finalização onde é creditada a equipe envolvida no programa.

6 CONSIDERAÇÕES

Essa edição “beta” do Quebrando Tabus serviu para mostrar a todos os envolvidos no projeto o quão difícil é se desprender de velhas concepções que se enraizaram em nós ao visualizarmos o próximo. O projeto do programa é, por si só, bastante ousado por ser realizado numa disciplina acadêmica, numa turma com linhas de pensamentos bastante díspares e com opiniões que divergem até mesmo dentro do próprio grupo responsável pelo trabalho, porém o processo de gravação e o resultado positivamente surpreendente nos certificou de que estamos trilhando o caminho certo e que esse é um projeto que não deve ter fim com o fim da disciplina.

Além das dificuldades até chegar num roteiro final “aprovável”, outros problemas também apareceram e quase nos tiraram a oportunidade de levar o trabalho ao Expocom 2015, tais como o prazo para submissão do trabalho, a burocrática disponibilidade do estúdio de gravação aliada à disponibilidade das fontes, dificuldades com a edição do programa para que tudo se encaixasse no tempo delimitado, entre outros empecilhos normais numa Universidade Pública.

O mais importante de todo o processo foi chegar a uma versão final que agradou a todos e respondeu a todas as expectativas criadas em torno dele, sendo assim indicado pela secretaria do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) para o evento, a parte mais gratificante de tudo.

Resta espaço ainda para agradecimentos. Ficamos imensamente agradecidos a todas as fontes que nos auxiliaram desde o início do levantamento de dados para a produção da pauta, agradecemos a Linda Brasil e Geovana Soares, fontes que se dispuseram a ir até o estúdio gravar entrevista conosco, aos professores que apoiaram o projeto desde quando ele surgiu como uma ideia para uma disciplina e posteriormente se tornou nosso investimento para o evento. E por fim, um muito obrigado a Vitor Braga por aceitar a orientação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIDALGO, Antonio. “O celular como rádio de pilhas na era da Internet. Rádio IP no celular” IN: BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana (org.). **Jornalismo e Tecnologias móveis**. Covilhã :Livros Labcom, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. 1 ed. São Paulo: Contexto. 2004.